

QUINTA-FEIRA
Lisboa--7 de Fevereiro--1929

fixe
N. 2
LOES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **142**
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Os pós esternutatorios permitidos no Carnaval de todo o ano



Apesar de atingido constantemente e em cheio, o Zé não «espirra»!!



Os ditos da semana



Carnaval Leitor amigo: tu que sabes muito bem o que são as necessidades da existencia, tu que tens tido horas amargas na tua vida, tu que já viste os homens atravessar o espaço co-

agora uma alegria. Vamos dar-t'a nós. Lê e aprende, lê e desopila, que te faz bem ao figado e tristezas não pagam dividas.

Ora ouve, que nós temos imensa graça e estamos, como tu, divertidissimos, porque a folhinha obrlga a estar alegre, marcando o Carnaval para esta semana:

— Conheces-me? Eu sou aquele que mora na tua rua e traz um chapéu de feltro todo pautado a pespontos côr de cinza, umas calças de balão e uma camisa côr de sujidade para que a lavadeira saia mais em conta. Sou aquele em quem um dia deste um encontrão à esquina da rua dos Capélistas quando vinha de depositar os quatrocentos mil reis que tu ias levantar com uma letra de

favor, que te custou a pagar *cuma burro*.

Sou o visinho de cima que tem um gato que te faz *chichi* na cabeça quando estás à janela com a familia. Sou o visinho de baixo que tem trez meninos muito engraçados que são a alegria da casa e dos visinhos, tocando tambor desde que rompe a manhã. Sou o visinho do lado que espreeita pelo ralo o vestido fóra-de-moda com que a tua mulher costuma ir á missa. Sou o chefe da tua repartição que anda de ponta contigo. Sou o teu patrão que, quando lhe dás os *bons dias* te ameaça com o olho da rua se não passares a vir cinco minutos mais cedo. Sou o teu mercieiro, o teu sapateiro e o teu alfaiate. Sou a tua sogra, leitor amigo, sou a tua mu-

lher espreeitando na esquina a vér se tu vaes para casa da Marcedotas, sou os teus filhos que te encontram onde nem tu nem eles deveriam estar, sou o dono da casa de batota onde jogaste o chapéu de côco que havias de comprar e o anel de brilhantes que tinhas adquirido em tempos que já lá vão, sou aquele sujeito com quem tu embirras e que nunca te disse que embirrava contigo á cara descoberta, eu sou uma mascara, sou todo o mundo, sou um semsaborão como tu e como toda a gente, que julga que se anda a divertir contigo.

Ah! leitor amigo, que vontade de chorar, só para ser



Ici, mon enfant, c'est la mér de Chine.

mo os passaros e os passaros dentro de casa como homens, tu que vives dentro duma atmosfera pesada, côr de respiração de vaca, sofrendo dificuldades de toda a ordem, tendo por vezes de alimentar-te a pevides com molho de cuspo de andorinha, esperas,



Entrudo chupa... agua por um canudo.

eu sei, leitor amigo, estes dias do Carnaval para tirares o ventre de miserias, deitar as maguas para traz das costas e rir a folgar, como se viveses no Paraiso. Pois já que és um homem de coragem, de tanta coragem que gramaste todo este enorme periodo antecedente, has-de ter

Carnaval do amor



O meu coração está em praça...



— Porco, atrevido, indecente, porcalhão!

— Então a menina não sabe que já não é proibido lançar perfumes?

diferente de toda a gente que anda para ahi com vontade de rir.

Sabes que mais, leitor amigo e constante, vae á fabrica do riso, vae á mercearia, ou onde queiras, ó pardal, que tu és apenas um estupendo cidadão, com cara de burocrata a lér um processo na sua repartição.

E olha, se fores aq baile de mascaras, veste-te de pirlampo para teres luzes nalgum sitio já que as não podes ter na cabeça.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O CASO E. B.-M. S. tem apaixonado os meios teatraes. Ainda é o assunto das palestras nos cafés e nos camarins e já lá vão decorridos quasi trinta dias...

O dize tu dret eu dos bastidores tem feito com que a verdade dos factos tenha sido um pouco desviada... — Terá razão o E. B.? — perguntam uns.

— Terá razão a M. S.? — perguntam outros.

Não sabemos nem queremos saber. O E. B. dirigiu-se ao G. dos A. T., aos empresarios e á I. G. dos T. Alguns empresarios já lhe escreveram, o G. anda fazendo o inquerito pedido e a I. G. dos T. tem o processo em andamento. O que fôr soará...

A actriz M. S. enviou-nos, como dissemos na pagina da semana passada, a carta seguinte:

«Sr. Director: — Tenho deante de mim o numero do jornal que V. superiormente dirige e no qual vem transcrita a carta que o empresario E. B. dirigiu á Direcção do G. dos A. T., com data de 14 de Janeiro de 1929.

As inexactidões que nesse documento se contem dispensam qualquer comentario, mormente quando a pessoa visada esteja, como eu estou, abonada com as melhores referencias escritas pelo proprio punho do meu ex-empresario Sr. E. B. e de sua esposa, a nossa Grande artista Sr.^a D. L. S.

A's acusações do Sr. E. B. posso responder que, no Rio de Janeiro, ha cerca de quatro meses, o meu referido ex-empresario ofertava-me uma fotografia com dedicatória ás minhas «belas qualidades histrionicas» e «ao meu coração de excellent rapariga» (assim tal qual); e se quizesse abonar-me com testemunhos de um relevo artistico e moral muito superior, poderia exhibir identicos attestados da excelsa artista D. L. S., nos quais me são dispensadas delicadezas e referencias verdadeiramente pendorantes.

Isso bastaria e creio que basta para convencer o Sr. E. B. de que não tem razão.

De resto, o que se passou no Porto foi bem simples: eu e a minha collega D. I. I. procurámos o Sr. E. B. para lhe comunicarmos que desejavamos abandonar o serviço da sua companhia.

O Sr. E. B. recebeu e acolheu a nossa declaração, dando-nos, até, a minuta para a carta de despedimento, redigida pelo seu proprio punho, e que conservo em meu poder; e quando tudo parecia correr na melhor harmonia possível, o mesmo Sr. E. B. recusou-nos o pagamento de vales autorizados por uma tabela affixada em Curityba e indispensaveis para a nossa manutenção na cidade do Porto, — abrindo uma excepção odiosa, pois todos os restantes actores da companhia receberam o pagamento dos respectivos vales.

E' claro que, em face disto, tive de procurar o Sr. E. B. para conseguir dele uma solução do assunto.

Não o fiz, nem a minha educação me permitia que o fizesse, num «desbragamento de linguagem desdobrado entre improperios, grosserias e palavras que a um homem custa pronunciar». Limitei-me apenas a afirmar ao Sr. E. B., — quando este senhor recusava explicar o seu não pagamento de vales obrigado pela referida tabela e não prohibido no nosso pseudo-contracto, mandando-me pôr lá fóra, — que não queria que ele me forçasse a ingressar no numero das suas victimas.

Como se isto não bastasse, o Sr. E. B. pretende ligar-me a um contracto assinado por nós no Brasil... e testemunhado no Porto (III), ao mesmo tempo que se acham elaborados com perfeita infracção das leis que regem a materia.



SALES RIBEIRO — Nariz tão grande que até se diz: «Santo Antoninho, onde te porei?»

A gravidade deste incidente pede, portanto, uma solução rapida?

Pede. Mas essa solução tem de resultar duma averiguação consciencia de verdade e nunca de um amontoado de inexactidões lançado á luz da publicidade por quem tinha o dever legal e moral — de estar calado.

Como V. vê, Sr. Director, não pode dizer em menos palavras a que pede licença para enviar copia desta carta á mesma illustre Entidade que o Sr. E. B. escolheu e se subscrive de V., etc., *Maria Sampato.*

Não faremos a defeza do E. B. como não faremos a de M. S. Mas, permitam estas pequenas considerações ao documento acima transcrito:

1.º — As referencias feitas a qualquer galuno antes dele roubar são sempre as melhores. O Alves dos Reis, antes de ser conhecido como burlão, era um grande patriota e um homem honrado. Uma mulher casada, até ao momento de enganar o marido, este faz-lhe os maiores elogios e ela é séria.

2.º — Se os contratos não estão em ordem, como permite a I. G. dos T. que funcione a companhia L. S.-E. B., se os de todos os outros artistas estão feitos de igual modo?

3.º — Se ha infracção da lei, o caso é entre a I. G. dos T. e a companhia.

4.º — As testemunhas de E. B. — que sabemos serem todas as pessoas que estavam no palco e camarins do T. S. da B., do Porto, — é que dirão se a linguagem da M. S. foi ou não despejada.

5.º e ultimo — Só pretendemos que se faça justiça, doa a quem doer...

E' a disciplina teatral que assim o exige!

«HEROIS do Mar» foi peça ao mar... Afogou-se... pelo buraco do ponto... Em teatro não ha successo em cima de successo... Lá pelo facto de uma peça ter pegado por ser alemã e ter uma cambalhota... não se segue que uma outra alemã e com três cambalhotas pegasse tambem...

Era demais... e muito pouco abonaria o nosso publico! O publico é como aqueles homens que casam uma vez por acaso... e quando lhes falam novamente em casamento, por terem enliviado ou se terem divorciado, fogem a sete pés...

Assim está o publico. Calu na primeira. Na segunda foi mais difficil e quem caiu foi a peça...

MAIS uns tantos artistas sem trabalho... e sem ter que vestir! Com o fogo do S. F., ficaram sem ganhar 68 creaturas! A revista «Mulheres e flôres» ardeu com 98 representações, na noite de 28 de Janeiro. Os jornais anunciavam para 30 uma grande atracção. Eis o que se escreveu, no dia 28, numa secção teatral:

«Em recita de homenagem a Lourenço Rodrigues e Alvaro Leal, os autores de «Mulheres e flôres», que depois de amanhã completa, no Foz, cem representações, além de uma grande atracção, haverá um novo fado expressamente composto para a actriz cancionista Madalena de Melo.»

O novo fado expressamente composto morreu antes de nascer! Tris-

te fado! A atracção é que se fez antes do dia marcado!

Pobres artistas e pobres coristas, que ficaram na miseria! Bem haja a mexicana E. S., que lhes vai dar uma recita, e bem hajam as coristas que se lembraram das colegas! E os outros empresarios — quasi todos artistas — ficam de braços cruzados?

O A. da C. voltou, no T. N., a cortar e a onduiar os cabelos das artistas! O cabeleireiro Mario — homem de grande sensibilidade nos dedos — assenta perfeitamente no seu feitico artistico. O cabeleireiro Mario subiu na arte da tesoura, como A. da C. na arte dramatica — que tambem mete, por vezes, tesoura...

«O Cabeleireiro de Senhoras» — peça que tem o reclamo feito por toda essa Lisboa, bastava para isso acrescentar-se por baixo dos letreiros as seguintes palavras: «Hoje, no T. N.» — voltou segunda-feira á scena. Foi traduzida pelo A. de A., o que equivale a dizer que merece ser vista novamente.

Quem ha de gabar a noiva?

ABRIU outra vez o T. A.... O titulo da peça de reabertura é curioso e tem um certo interesse. Bem permita que a pequena esteja tanto tempo em scena que seja necessario chamar-lhe *velha*... Quem não gostaria disso era a E. L.... porque o J. G. passaria a andar de sobretudo de peles... e a ter automovel!

Tudo é possível! Em teatro tem havido coisas piores!

Deus dê saude á pequena e largos anos de vida!

GRASSA nos teatros de Lisboa uma epidemia de revistas. Nesta quadra do ano — julgamos os empresarios — que a graça está na revista. Isso é lá com eles. Vejamos os titulos das que vão e das que já estão em scena:

A Mãe Eva.
A Rambola.
Água-Pé.
Carapinhada.
Actualidades.
O Coração Português.
A Fecrie da Ladra.
Caras e Caretas.
Já te matel!
Abaixo o Cinema!
Boa Noite.

São onze e cremos que não é tudo! O chamariz será realmente a revista? Se fôr... bem vai! Mas julgamos que é excessivo! O tempo dirá de sua justiça...

A FESTA da M. M. apresenta — no seu programa — uma excepção á regra...

A peça *A Ceta das Sogras* vai ser interpretada por três sogras autenticas na vida real: A. A., M. M. e P. B.

Todas elas tem uma filha casada. Com um pouco de geito, os três genros respectivos podiam entrar na recita. Pelo menos dois já entram...

E' caso para dizer: nem no palco os genros querem abandonar as sogras!

O Homem das 5 horas

UMA SUNRIPE

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

BOM HUMOR

O juiz, antes de dar a sentença: — O reu deve ter um lar que estima, uma boa esposa, uns filhinhos adoráveis. Não é verdade?

O reu: — Sim, senhor, para servir V. Ex.ª.

O juiz: — Bem. Pois o reu não os irá ver durante dois meses.

* * *

O professor: — A teoria que a cabo de desenvolver pode classificar-se de simples regra de três ou de regra de três simples?

O aluno: — A pergunta que o senhor professor me faz é uma pergunta simples ou uma simples pergunta?

* * *

O garoto para o avô que está quasi a morrer:

— Socega, avósinho. Não desespere que o medico diz que não sofrerás por muito tempo...

* * *

— Joanito! Porque brigaste com o menino do rez-do-chão?

— Atraveu-se a dizer que a casa dele tinha mais pulgas do que a nossa...

* * *

— O senhor chamou-me camelo?

— É verdade! Mas não era o senhor que queria ofender: era ao camelo.

* * *

— Estou confuso. Tenho que escrever a um amigo e não me lembro do nome.

— Então escreve-lhe, perguntando como se chama...

Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

Jornalistas do Porto



Dr. Gomes Teixeira, dr. Aarão de Lacerda, dr. Bento Carqueja, Francisco Seara, Eduardo dos Santos (Edurisa), Loureiro Dias
Desenhos de Ferreira de Albuquerque.

Historia de uma cégada

Como se sabe, as cégadas já não sa governam cantando pelas ruas. Então um cavalheiro com uma cabeleira de tranças e um capacete como os heróis da «Ben-Hur», chega á porta do café, sacode-se da chuva e entra por ali dentro. Pede ao gerente para cantar uma cantiguinha e o café é tomado pelos homens da cégada. No proximo domingo, a que é de uso chamar—gordo, uma cégada deveras original irá exhibir os seus talentos na «Brasileira». Poderemos dar alguns topicos dessa cégada.

Depois do preludio das guitarras e do conveniente toque de apito, entra um matulão, a gingar-se, e atrai com esta parrelha:

«Eu cá sou de S. Vicente,
Já disse e torno a dizer...»

Nisto aparece uma outra personagem que diz ser de Santa Catarina; estabelece-se um vivo dialogo, em que ambos o insultam, dizendo a cada passo:

«Eu não sou painel... de palha.»

Toca o apito. As guitarras suspendem e entra a «D. Erudição», que faz uma prelecção que aborrece a assistencia. O publico o que quer é o fadinho. Toca o apito e entra a «Historia». É um personagem vestido com pedaços de papel e que diz:

«Eu vou ser o tira-teimas.»

Os dois contendores agarram-se á «Historia» e começam a rasgar os papéis do vestuario, de tal modo que a

«Historia» deixa ver o seu traje á paisana, muito sebento.

Volta a ouvir-se a guitarra e o de Santa Catarina exclama, com trinados na garganta:

«Ponha aqui o documento,
Então chamo a autoridade.»

Trocam-se ameaças. Em attitudes de fadista, os adversarios puxam de canetas de escrever, procurando atingir a cara e fazer um traço... a tinta encarnada.

Aparece uma outra personagem. Vem vestido de branco, como os moços de enfermaria.

— Quem és tu? — pergunta a «Historia». — Trazes cara de hospital e o caso ainda não mete feridos.

Então, o homem de branco, tambem com trinados na garganta, explica que vem da Morgue. A questão de S. Vicente e de Santa Catarina vai ser transportada para a mesa da anatomia. É a altura de aparecer todo o simbolismo da cégada nesta bela passagem:

«Na mesa da anatomia
Está um documento viciado,
Para a sciencia estudar
O que os painéis teem dado.»

Embrulharam-se as personagens á lambada. Nesta altura entra a policia. A «Historia» apanha muitos sócos e o homem da Morgue, no meio desta confusão, não sabe quem deve levar para o Instituto de Medicina Legal: se o documento, se a figura da «Erudição», que está muito maltratada.

No baile de mascarar



— O' Rico! Tu tambem sabes imitar animais?
— Sei, sei. Imito o cavallo Sevilha.

Riso amarelo

O funcionario duma estação telegrafica espanhola onde o serviço não abundava, e que se encontrava em perpetuo aborrecimento, resolveu distrair-se, telegrafando a um colega em analogas circunstancias a seguinte blague:

— «Acaba de cair aqui um bólido de vinte á trinta quilos.»

O colega tomou o caso a sério e comunicou a noticia ao ministro da Instrução. E pode calcular-se o terror e a surpresa do primeiro telegrafista, ao receber a seguinte comunicação oficial:

— «Impeça destruição ou deslocamento do bólido. Segue comissão scientifica para o estudar.»

Depois de difficil meditação, o telegrafista julgou encontrar saída para o apuro em que se achava, telegrafando ao ministro:

— «Inutil vinda comissão. Bólido aterrou de facto, mas levantou vôo imediatamente...»

* * *

Um alquimista que se gabava de ter descoberto o segredo de fazer ouro pediu uma recompensa a Leão X.

O Papa ofereceu-lhe um sacco vazio, dizendo:

— Uma vez que já sabe fazer ouro, bastar-lhe ha um sacco para o guardar...

* * *

O humorista Lichtenberg escreveu um elogio dos gatos em que, entre outras coisas, dizia:

— «Que maravilhas oferecem os gatos á contemplação dos homens! É admiravel a coincidência dos olhos dos felinos, precisamente nos sitios onde a pele tem buracos!...»

* * *

No fim dum banquete diplomatico a que, numa nação europeia, assistia o Nuncio de Sua Santidade, personalidade ecclesiastica de tanto relevo que chegou a ocupar a cadeira de S. Pedro, entendeu um jovem diplomata exhibir uma cigarreira de ouro em que estava esmaltado um provacante nú de mulher.

E, para comprometer o representante do Vaticano, que tambem fumava, passou-lhe o provocante esmalte com o pretexto de lhe oferecer um cigarro.

O Nuncio examinou detalhadamente, e exclamou:

— Primoroso esmalte; é sua senhora?

Mascara dos Dentes d'Ouro

FUME SUNRIPE



— Que lê o senhor?
— «Os homens gostam das louras...»
Mas como você não é loura...
— Nem você um cavalheiro!



A mulher (que ha meia hora est... sem se calar) — ...e assim que acabar os meus negocios, vou para Los Angeles e faço-me estrela de cinema.
O marido — O quê, tu na arte muda? Só se te matarem.

Historia veridica dum casamento ruidoso

O casamento da Mimi realizava-se em casa, porque os sentimentos religiosos dos pais da noiva não permitiam que ao acto civil se desse grande relevo. Para eles, o verdadeiro casamento era o que havia de celebrar-se na igreja de Arroios, com toda a solenidade, com trensada de luxo, repiques de sinos e muitos miroes pelas janelas.

Aprazara-se a cerimonia para as 11 horas. Com toda a pontualidade, compareceu o official do registo civil. Receberam-no com discreta cortezia. A mãe da noiva fez as honras da casa e começou logo por pedir uma fineza:

— Se V. Ex.^a pudesse esperar um bocadinho... Falta ainda a Adelaide, uma amiga de infancia da noiva...

E voltando-se para um dos convidados — homensito quasi imberbe, com uma cabeça muito careca, destas cabeças que parecem um queijo — um queijo ralado por não ter mais cabelo, acrescentou:

— Oh! José, mete-te aí num trem e vai chamar a Adelaide. E' um instantinho.

— Perdão, minha senhora — interrompeu o official do registo civil, eu não posso demorar-me. Tenho outros casamentos a fazer e não é justo fazê-los esperar. E' se esse cavalheiro vai chamar a senhora D. Adelaide, arrisca-se tambem ele a não assistir ao casamento.

— Oh! meu Deus, fez a bondosa senhora, aflita. — V. Ex.^a ha de ter paciência. E' um instante. Que desgosto teria a Adelaide se não assistisse. V. Ex.^a faz uma gentileza. Oh! José, gritou ella para o homensinho careca, vai lá depressa. Traz a Adelaide no teu carro. São apenas dois passos.

— Mas, minha senhora — interveio novamente o official do registo civil — lamento muito, mas o acto em de realizar-se imediatamente. V. Ex.^a compreende que eu não posso prejudicar os outros, que não tem culpa nenhuma da sr.^a D. Adelaide não aparecer.

— Ai a Adelaide! — fez a mãe da noiva quasi em deliquito. — Pobre Adelaide, que tem um desgosto para toda a vida! Oh! José, se tu tivesses lá ido logo que eu te disse, já cá estava a Adelaide. Que desgosto, meu Deus, que desgosto!

E o casamento ia começar sem a presença da Adelaide. De instante a

instante, a mãe da noiva chegava à janela, numa ansiedade, e ouvia-se, por entre o ciclar das respirações, uma ou outra voz lamentando a retardataria:

— Ai, Adelaide!

— Que pena não vir a Adelaide!

— Adelaide... Adelaide...

— Minhas senhoras — disse o official do registo civil, vou celebrar o casamento. Qual de vosselencias é a noiva.

— Vamos buscá-la! — disseram em côro algumas das presentes.

Um momento depois, o cortejo nupcial dava entrada na sala. A' frente vinha a noiva. Era uma creaturinha magra como uma gazela, com pernas de galinha; transparente, quasi diáfana, duma palidez que bem denunciava ter morrido para a vida de solteira. Osclava dentro do vestido de

noiva, como uma perna de pau dentro dumas calças pneu-baton, dando a impressão de que um beijo mais ardente, como aqueles beijos cinematograficos que fazem delirar as solteironas, era o bastante para a desfazer, para a reduzir a um monte de destroços.

— Ai, a Adelaide que não vem — ouvia-se.

Fez-se o casamento! Faltava apenas assinar o registo.

— O noivo — fez o official — tenha a bondade de assinar.

E o noivo assinou, que é como quem diz, tomou o compromisso de gramar todos os dias o mesmo bife.

— Agora a noiva.

E a noiva avançou, fragil como uma folha de papel de seda, tremula como uma espiga em dia de vendaval. Tomou a pena, curvou-se sobre o livro

e a sua mão tremula, como se empunhasse um punhal homicida. Ao assentar a mão sobre o papel, a caneta desenhava no ar as mais caprichosas curvas, as mais estranhas espirais. Tomada duma tremura invencível, a palidez cadaverica da Mimi aumentara a olhos vistos, como se estivesse sendo descolorada por qualquer processo químico.

— Comoção destes momentos — diziam as matronas. — E' natural.

Verificada a impossibilidade de assinar, interrompeu-se a cerimonia por um momento, para a noiva socregar os nervos.

— Se entretanto chegasse a Adelaide... — dizia-se na roda de corvidados.

E, quando a noiva aparentava mais tranquillidade, fez-se nova tentativa. Novas tremuras.

Um pouco irritado, o noivo interveio:

— Isso já é demais. Tanto nervosol... Assina.

A Mimi fez um esforço sobrehumano, curvou-se mais sobre o livro, e os bicos da pena cravaram-se no papel violentamente, salpicando a pagina de tinta, ao mesmo tempo que se ouvia, acompanhado dos gritinhos assustados da Mimi, como que um estralejar de castanholas debaixo de roupas, dando quasi a impressão de que eram os ossos daquela rapariga fragil que se partiam misteriosamente. A ilusão teria sido perfeita se os ossos partidos tivessem um cheiro caracteristico e pestilento, especie de rato pôdre metido em fórrô de casa. Na assistencia houve o rumor dos grandes transees e um grupo de senhoras cercou a noiva, amparou-a, gulo-a e conduziu-a, coberta de suores, lá para dentro. Se se pudesse resistir á morte como se resiste á vontade de rir em certos momentos, a humanidade seria eterna.

Dali por um momento, a mãe da noiva surgiu á porta com a fisionomia ainda transtornada, mas com um clarão de esperança a luzir-lhe no olhar:

— Oh! José, já agora, como isto sempre tem que demorar mais um bocadinho, vai chamar a Adelaide.

E só então se compreendeu que não se tratava de fogo de vistas com polvora secca.



...o cortejo nupcial dava entrada na sala...

Abel Moreno



...ao mesmo tempo que se ouvia como que um estralejar de castanholas debaixo de roupas. ?

Mascaras de todo o ano



Tito Martins, talvez o decano dos jornalistas, mas um espírito sempre moço, mascarar-se de débil



B. G. pelo seu amor á agua despir-se-ha de Sereia, que ja não conta, mas que de vez em quando «pia».



Os tres ardinas da imprensa, os únicos que se vendem de 30 contavos



O camarão F. do A. que é uma «beleza do homem», vestir-se-ha do papa toco, para consolação de «ditos



O capitalista Seixar, do Neco, pedirá uma «esmolinha» para o ajudar a viver



Lino Ferreira, que tem um corpo de espanhole, fará um nú artistico em que rivalisa com a Eva Stachino



O dr. Baltasar Cabral, vestir-se-ha de saioio para vender a sua deliciosa «mantelga» da Quinta do Barão



O João Franco, que é «fixo», servirá em «travesti» e João Franco servirá em indista



O rotundo Camilo Alves o «Rei do Bucelas», embora seja um grande republicano, despir-se-ha de Bacho



L'Anunzio mandou uma farda sua ao A. F. e A. F. mandou um fato seu a D'Anunzio, para se mascararem

D. Felismina

a equitativa

A D. Felismina não podia compreender que, havendo no alfabeto o q de rabo, se escrevesse com c curvo a palavra c... A D. Felismina era pela equidade, partidária do seu a seu dono, senhora de boas contas, especialmente de «contas do Porto».

As suas hospedas — porque a D. Felismina tinha uma pensão familiar — encontravam-na sempre disposta a partilhar de todas as despesas equitativamente. A água e a electricidade pagava-a a D. Felismina a meias com os hospedes, porque também gozava delas.

A lavagem da casa fazia-se a meias e a meias se faziam todas as despesas, desde que delas tirasse a D. Felismina qualquer benefício. Era o que se podia chamar um espirito justo.

E porque a D. Felismina encarava os mais rígidos princípios de justiça, vivia-se naquela pensão como no céu.

Levara a D. Felismina tão longe a sua isenção que, se algum hospede entrava perfumado na casa de jantar, ela se apressava a indemnizá-lo pelo benefício que trouxera aos outros hospedes e a ela própria.

— Aqui tem — dizia a D. Felismina — a nossa participação na despesa dos perfumes, porque também nos deliciámos com eles.

E depositava na mão do hospede perfumado uma, duas ou três cordas, conforme a sua pituitaria forejava Gellé Frères, Aubigan, Corou ou Coty, metendo depois na conta dos outros um pataco, um tostão ou seis vinténs, conforme o dispendio que fizera.

Mas, um dia, um conflito surgiu. O sr. Belarmino, empregado da Equitativa do Brasil e Ultramar, atacado de um mal terrível que o obrigava a frequentar ameadadas vezes o W.C., estava fazendo uma despesa fantástica em papel de toilette, e a D. Felismina, entendia que não era justo pagar ela sózinha toda a despesa.

A justiça, a equidade, sempre a norteia.

— Sr. Belarmino — fez ela — o senhor gasta muito papel, e, como sabe, cá em casa tudo se paga a meias. Vou-lhe meter na conta cinco escudos de papel.

— Perdão, D. Felismina, a senhora não é mais equitativa do que eu, que até sou empregado na Equitativa. Não tenho que pagar papel nenhum e nem por isso se deixa de fazer a coisa a meias. Se eu dou o c... e a trampa, não é demais que V. Ex.ª dê o papel.

— E' verdade — retorquiu a D. Felismina — desculpe, sr. Belarmino, que não tinha visto bem a questão. Pois é. E foi talvez por isso que se inventou a palavra equitativa.

Sortes grandes?

só o PINA se vende

75 Rua de S. Paulo — 77

Agente do Sempre Fixe em Praia-Cabo Verde — Luciano Julio Rosa — Imprensa Nacional.



H. P. M. I. O. L.

Nota: — Que descaramento! Este quadro é a cópia do nosso calendario da casa de jantar!

A VISTORIA DOS TEATROS

feita pelo Reporter B

A aproximação hispano-lusa que está agora em voga fez sentir os seus efeitos.

A união iberica no teatro é um facto consumado.

Ardeu um teatro em Madrid e os portugueses é que sofreram as consequências. A vistoria foi implacável, segundo os empregarios, e benevola, segundo alguns espectadores ratos de teatro.

O caso interessou-me tanto que eu, perito em coisas de teatro, visto que desde «miúdo» construí alguns em cartão, montei alguns palcos, mandando vir os scenarios da *Imagene d'Espinal*, fui empregario por grosso como o José Loureiro porque comprei obras inteiras, com guarda-roupa e actores, dando-me um trabalho a colá-los em cartão e recortá-los sem lhes cortar a ponta do nariz ou o indicador em atitude, e daí até à actualidade, em que tenho brincado aos teatros e lidado com actores da mesma forma como em creança, mas só com a diferença de que agora teria muita vontade, se alguns fossem de papel, de não só lhes cortar proposadamente a ponta do nariz como o tal indicador das atitudes, ou mesmo de os retalhar aos pedaços...

Eu, que tenho passado, depois de construtor dos mais belos teatros de fustas de madeira e papelão, em cuja plateia a minha familia assistia ao decorrer das mutações julgando-se em segurança; eu, empregario-construtor, também tive um dissabor e dos maiores. O meu ultimo teatrinho, derruiu-se.

Foi o caso que, em um dos efeitos de luz, um côto de vela sob o qual caía uma porção de licopodio em pó para fazer as chamas, licopodio que meus pais tinham em uma caixinha para pôr no posterior de um recém-nascido filho de uma creada, deu uma chama mais forte e largou-me fogo ao scenario que o Verol me tinha vendido a «pataco»!

A mãe do petiz do licopodio rapida e inteligentemente agarrou-numa vassoura e, em três ou quatro bordoadas bem applicadas, apagou o incendio e esborrachou-me a igrejinha toda. Scenarios, mobiliarios e actores, tudo ficou feito num feixe!

Ao recordar-me desta catastrophe, hoje, pergunto de mim para mim: — Porque não estaria, naquele tempo, em voga o cimento?

Se assim fôsse, esse meu teatrinho e a companhia teriam, decerto, resistido ao violento ataque da vassoura da sopeira.

E, por tal, resolvi eu proprio fazer, actualmente, uma vistoria aos teatros do país, da qual, sem melindres para a comissão official, eu passo a expôr o meu relato:

Comecemos pelos mais jovens, isto é os que, pelos seus primeiros vagidos, me chamaram a atenção.

Subi ao Rato, analisei com atenção aquella estancia naquela distancia e, depois de meter o nariz pelo JOAQUIM D'ALMEIDA dentro, achei-o em bellissimas condições para arder. Dall

segui directamente para o GYMNASIO. E' o Verdun dos teatros portugueses! Ali não ha possibilidade de nada arder, nem mesmo o enorme fogão do restaurant, aonde não tem ardido, até á data, uma só acha de lenha!

A' saída, encontrei um empregario á porta e expuz-lhe a minha admiração pela incombustibilidade do teatro.

— Pois sim — disse-me ele. — Diga-lhe que não arde nada cá em casa... E a minha massa? Ardeu ou não ardeu?...

Conclusão: A minha opinião acerca dos dois é a seguinte: Aproveitar a lenha do Joaquim de Almeida, levá-la para dentro do «Gymnasio» e entregar este teatro á Moagem. Daí resultava o maior e mais bello forno de Lisboa para nos fornecer os sabrosos «papos-sêcos».

A seguir, enfiéi direito ao VARIEDADES, que é um teatro com a frente voltada á rectaguarda e que se entra pelo lado. Como *bolle*, as modificações indicadas oficialmente acham-se bem. Simplesmente, para o *bon cadrement*, deviam escolher uma companhia toda da altura da Julieta Soares, para parecer maior. Nada de latagões. Já que ele se chama «Variedades», por variante da aparência lateral, se fôsse transportavel, achava bem que, pela corrença de portas, devia ser applicado a qualquer estação de caminhos de ferro.

Ali ha portas para todos estes conhecidos disticos: Sala de espera, Chefes, Bagagens, Bujete, Telegrafo, etc., etc.

MARIA VITORIA — O Hortense iluminado. — E' a lancha mais popular de Lisboa. Condições para incendio: optimas. O espectador, pela sua fragilidade, basta dar um centrão, na fuga, em qualquer parede do teatro para logo se abrir uma brecha ou porta de saída. E' o melhor teatro ao ar livre, em caso de necessidade...

TIVOLI. — A minha opinião é que é o melhor para frequencia das carinhosas interessantes das *demoiselles*. Sala super-optima. No entanto, as autoridades devem mandá-lo fechar quando nos dá, por acaso, uma fita má e nos obrigam a *grambiar* uma semana inteira. Excelente em caso de sinistro. Os degraus da escada de entrada até são de borracha, para não magoar quem cair na fuga.

EDEN. TEATRO. — Fechado definitivamente para ampliações da Leitaria Chic. Só assim este *acreditado* meio de *cavaco* poderá, de futuro, receber todos os actores desempregados.

COLISEU DOS RECREIOS. — Pela sua enorme capacidade de lotação, é o que tem a probabilidade de fazer mais victimas, mas, atendendo ao factor sorte que sempre tem protegido o Covões, aquilo nunca mais arde.

Alvitro, pois, que, no caso de falecimento do empregario e em sua memoria, se transforme a vasta sala em uma monumental piscina para as creancinhas suas protegidas que vão tomar banhos a Algés. o possam fazer ali e não ir mais longe...

A taluda

Pancrácio Pacato, conceituado trapalhão da praça de Lisboa, tivera sempre um grande azar no jogo.

Houve, porém, um ano em que, nas vespas do Natal, teve um terrível pesadelo: Sonhara que vira a sogra a apanhar pontas de cigarro para fazer rapé e, ao vê-la naquela posição, lobrigou em cada uma das suas nadegas os algarismos 4 e 8.

Sempre ouvira dizer que, jogo sonhado, era jogo premiado. E, na manhã seguinte, ao acordar, vestiu-se apressadamente, não fôsse esquecido do numero em que estavam todas as esperanças duma possível felicidade, indo immediatamente em procura do 84. Correu toda a Lisboa e, quando á noite, derreado, voltava ao lar, um amigo aconselhou-o a ir á Santa Casa. Aquí, informaram-no que o bilhete tinha ido para um cambista do Porto. Me'eu-se no rapido e foi ali. O cambista declarou ter vendido o bilhete a um industrial de Olhão.

Pancrácio foi ao Algarve. O industrial acabava de partir para Paris. Foi a Paris. O industrial havia fugido com uma espanhola para a Turquia. Foi ali que encontrou o industrial, completamente depenado pela espanhola, que tinha seguido para Madrid.

Chegado a Madrid, visitou todas as espanholas, até encontrar a tal.

Amigo Pancrácio propôs-lhe comprar o bilhete. Achou piada a espanhola á excentricidade do nosso compatriota e não só lhe deu o bilhete mas ainda um duro com dedicatória, para recordação.

Chegou por fim Pancrácio a Lisboa, quasi á hora em que a grande devia sair. Postou-se deante da sucursal do *Noticias* e qual não foi o seu desamento quando, meia hora depois, lia no placard, como primeiro premio, o numero 408.

Sem perda dum instante, bateu com a cabeça na barriga dum cavalheiro que proximo se encontrava, gritando: — Grandessissima cavalgadura! Ao vêr os algarismos nas nadegas de minha sogra, esqueci-me do 0, o algarismo do meio.

E, saltando uma estridula gargalhada, tomou um carro para Gomes Freire, recolhendo á casinha amarela, fronteira á do expeditor.

F. G. Costa.

Historia Velha

Um cordeirinho está a beber agua num regato. Mais acima, um lobo que, notando-o, se aproxima furioso, dizendo:

— Para que estás turvando a agua que estou bebendo?

O cordeiro: — Eu, senhor?!

O lobo: — Sim.

O cordeiro: — Mas como pode ser isso, se vós, senhor lobo, estais lá em cima e eu cá em baixo?

O lobo: — Pois se a não turvas agora, turvaste-a no ano passado...

O cordeiro: — Mas, oh senhor lobo. Eu não chego a ter um ano de idade. Como pode ser isso?

O lobo: — Pois se não fôste tu, foi teu pai...

O cordeiro (fugindo): — Ora deixese disso. Isso não é seu. E' do La Fontaine.



O gato: — Que maçada quando ha que cumprir os deveres conjugais...



— Que me dizes ao incendio do Foz?
— Que quando aquilo foi no foz, que faria se fosse na nascente.

Elevador da Gloria As aspirações de Madame Barrote ou o francez duma provinciana

Em Carcavelos, entrou no comboio um inglês alto, esgrouviado e angustioso como o número 7. Era mister John, do Cabo Submarino. Escolheu um banco deserto, puxou do Times e encostou-se à janela aberta, por onde entrava, iodada e pura, a brisa marítima. Quando o comboio chegou ao Dafundo, uma avalanche de passageiros conquistou os lugares vazios. Mister John teve que encolher os fargos sapatos de solas de borraça e as paginas do Times. A seu lado sentara-se uma senhora idosa e respeitável, acompanhada dum menino franzino e encataroadado.

Pela janela, o ar frio entrava em lufadas revigorantes.

Então, a senhora idosa pediu, coriõesmente:

— Cavalheiro! Podia fechar a janela?

— Não vale a pena! — respondeu mister John, no seu português arrevezado. E séco, imponente, de novo se mergulhou no Times.

— Tenha paciência, cavalheiro! Esta creança está doente. Não pode suportar o frio. Faça favor... feche a janela...

— Não vale a pena! — sibillou, telmoso e já enfadado, o inglês.

Um menino mesureiro interveio, então, dizendo:

— Se me dão licença...

E puxou pela alça de couro, presa à vidraça. Foi uma decepção e uma risada geral.

Chegou a vez de mister John explicar-se:

— Eu não disse que não valia a pena? A janela não tem vidro!...

* * *

Uma, de judias:
Madame Weil encontra, com sua preza, a sua amiga Block vestida de luto:

— Morreu-lhe alguém?
— Meu marido!
— Que pena! Alguma doença?
— Um acidente!
— De automovel?
— Não! Estava na sinagoga quando, no momento em que se fazia o costumado peditório, alguém deixou cair vinte mil réis. A confusão para apanhar a nota foi tão grande que o meu pobre Moysés morreu espiado...



— Oh filho, tu estás doido! Não vês que é proibido atirar com cocottes!...

FUME **SUNRIPE**

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

A D. Mariana tinha uma aspiração: entrar na sociedade elegante, ver o seu nome estampado nos jornais ao lado da gente de bom-tom, mas a sua vida de provinciana não lhe proporcionava um unico ensejo de aparecer, de se relacionar, de botar figura. Quando muito, ia até á Figueira em tempo de banhos, não para higienicas lavagens que não usava, mas apenas para se sentir alguém no salão de baile do Casino Peninsular, ombro a ombro com gente que não conhecia, mas gente fina pela certa, a avaliar pela desenvoltura com que as meninas davam trela aos rapazes, pela exiguidade das saias e pelo exagero dos decotes, como é de uso entre gente que se preza.

Mas o «Peninsular» não era, positivamente, o sonho, a aspiração de D. Mariana. A sua imaginação e a sua vaidade exigiam muito mais. E vá então de assediado o marido — o sr. Augusto Barrote da Silva — com o pedido instante e quotidiano de uma saída a Lisboa, onde Augusto Barrote tinha algumas relações comerciais, para tentar a fortuna de entrar um dia num salão particular e poder contar ás gentes aombreadas da provincia o successo, o formidável successo do seu palminho de cara de 28 anos bem puxados e do seu vestido de seda duma modista daquelas que vem no *carnet mondain* dos jornais.

Tamanha foi a pertinacia da D. Mariana que o Barrote deixou-se vencer pelas suas razões e, já tentado tambem pelo exito duma incursão na sociedade, disse-lhe uma bela manhã:

— Mariana, vamos a Lisboa. Já preparei tudo. O Saldanha espera-nos na estação e lá nos guia. E ele, que tem relações com gente fidalga, que aparece sempre nas listas de subscrição de caridade, ha de arranjar-nos entrada num desses ballaricos que tu queres.

D. Mariana, sem caber em si de contente, atirou-se ao pescoço do Barrote e, não fosse ele Barrote, não aguentaria tamanho impulso. Dois beijos repençados pagaram generosamente a satisfação do pedido.

Dois dias depois, os Barrote embarcaram no Rossio e calam nos braços do Saldanha.

Sem mais delongas, D. Mariana atacou-o logo:

— Oh! sr. Saldanha, nós queremos ir a um baile de gente fina. Arranjamos isso?

Sem uma hesitação, o sr. Saldanha

que, sempre que podia, arrastava a aza a madame Barrote, disparou-lhe:

— Mas, com certeza, minha senhora, e é já amanhã. Vão a uma legação. Tenho já um convite. Eu não podia deixar de ser agradável ao Barrote.

E foram. Pelo caminho, D. Mariana ia apreensiva:

— Não sei o que hei de fazer... Falta de habito... Sou capaz de fazer má figura...

— Não se preocupe, minha senhora — dizia o Saldanha, para a tranquilizar. A D. Mariana vê o que faz as outras e faz o mesmo.

Ao entrar no salão, a profusão de luzes embriagara D. Mariana e Augusto Barrote, mais empertigado, mais tezo do que o seu homonimo, já não sabia onde pôr as mãos, mas, um momento depois, mais tranquilos todos, começaram a observar o que faziam os outros, como aconselhara o Saldanha.

Uma senhora deixou cair o leque. Um cavalheiro avançou, apanhou o leque e entregou-lh'o, trocando-se entre ambos algumas palavras em francês, que os Barrotes não entenderam.

Dali a pouco, outra senhora deixou tambem cair o leque e a mesma scena se repetiu, com o mesmo francez. E mais uma vez os Barrotes ficaram *in albis*.

— Que diabo dirão eles? Pelos modos é preciso fazer aquillo, mas o diabo é o francez.

— Prestemos atenção! — fez madame Barrote. — Então eu não hei de aprender aquillo.

Neste momento, novamente, um leque se desprende dum regaço feminino e tombou no chão. E a scena de sempre. O cavalheiro e o francez do estylo.

— Merci, beaucoup.

— Pas de quel.

— Ah! agora, sim — clamou D. Mariana. Já sei tudo. Já vi tudo. E' para já. A'gusto, lá vai o leque. Olha cá para isto. E zás, lá foi o leque para o meio do chão.

Imediatamente, um secretario de legação avançou todo cortés e, apanhando o leque, entregou-o a madame Barrote, com uma vénia.

— Meta-o no c... — disse ela, muito digna.

— Não cabe lá — retorquiu o secretario impertigado, como se tivesse engulido um autentico barrote.

J. Kix

Ecos duma taça



Dáde alguma coisinha prájuda da taça Caridade? Dáde...



O empregado indeciso

Num escritorio de comissões e consignações estava empregado um rapaz amarelento, de aspecto franzino, sempre indeciso, cujo ponto vulneravel, mau grado seu, era o de ter uma pertinaz doença de intestinos que o fazia passar horrores.

Um dia, foi chamado ao escritorio do gerente. Para lá se encaminhou num estado de inquietação e receio indescriavel porque temia sempre desagradar ao chefe. Mas, pelo contrario, o gerente falou-lhe com bons modos, lisongeando as suas qualidades de trabalho e, incitando-as, rematou:

— Principalmente agora é que o senhor as ira provar, porque...

E mais não disse porque, nesta altura, o *groom* veio chamar o gerente para ir ao escritorio do patrão; e, como a conversa tivesse de ficar interrompida, o gerente ordenou:

— Espere um pouco, não saia daqui do meu escritorio porque eu já venho.

Passaram-se quinze, vinte minutos, e o empregado, anarrado pelas ordens do gerente do escritorio, sentia cada vez mais umas aflitivas dores de barriga, tão fortes que o faziam cobrir de suores. A indecisão, que mais uma vez o veio atralparhar, começou a sua nefasta obra.

Sair ou não sair do escritorio, para satisfazer as suas necessidades — eis a questão. E, irresoluto, chegara á porta, para logo recuar. As dores cada vez eram mais fortes, até que tomou uma resolução heroica: — sair, mas quando chegou á porta era já tarde, muito tarde. All mesmo teve de consumir a obra.

Uma nova afflicção veio atormentá-lo: — como havia ele de explicar ao gerente o ter felto uma coisa daquelas no chão? E estava ele entre ás suas conjecturas quando o gerente entrou.

Reparando no que o empregado a todo o custo pretendia esconder, cheio de vergonha, gritou-lhe:

— Ou o senhor limpa isto imediatamente com as mãos, ou eu dou parte ao patrão.

O empregado ficou um bocado indeciso, acabrunhado, e, por fim, numa voz branda e resignada, suspirou:

— Se o senhor ha de dar parte ao patrão, dê-lhe tudo, que me evita o trabalho de limpar o resto...



Dois ratos ao mesmo...

O CLARO-A'S-ESCURAS DESANIMADO

O "ANIMAS" DO "FIXE"



CINEMA DA GRAÇA



Deixa ouvir a fita!

Sempre Fixe resolveu ressuscitar a sua secção cinematográfica, desenvolvendo-a de acôrdo com a legislação actualmente em vigor nas predilecções do publico. E, dentro da nova pagina, as já tradicionais «Fitas Faladas» não poderiam deixar de ter o seu lugar, vindo ao retardador o que muitos não vêem — para que todos riam, embora muitas vezes com riso... amarelo.

* * *

De entre os filmes que nas ultimas semanas mereceram a nossa desopilante atenção, houve por bem destacar dois que, pela sua textura filmica e visualização cinesca, se prestam aos considerandos mais desarrazoados da parte dos cinecriticos, com *Lavalère* ou sem ela. São eles:

«O Demónio e a Greta»

que ao São Luis levou o melhor da chamada *cinélite*, termo que parece a marca dum limpa-metaís mas que não passa dum colectivo marcando a assiduidade que marca... bilhetes com regularidade.

Aquilo não é um filme; é um jantar. O São Luis transformou-se em restaurante, fazendo uma concorrência desleal ao dito que o Almeida Garrett fundou á esquina do Largo dos Dois Electricos, com vista de mar sobre a Ilha dos Galegos e o posterior do Chiado. O *menú*, improprio para miúdos de estomago fragil e meninas histéricas, constava de: *Sopa Nazarena*, que, sem ter nada de feijão, produziu ruidosos resultados na *première*; o peixe, muito saboreado pela assistência, era *Linguado à la Gilbert*, *sauce Sative*, decerto muito indigesto, pois que os interpretes procediam regularmente a umas lavagens ao estomago de nova especie, e pela sala havia um cheirinho provocante, que lembrava o do nosso *fiel amigo*... da penumbra; havia varias *entradas*... a matar, que abriam por uma sorte de gaiola ao Marc Mc Dermott e foram rematadas por um duelo; a carne que figurava nos programas foi muito bem aproveitada, pois nem se estragou a fressura, havendo uns *Bifes de cebolada* de se tirar o chapéu. Quem se viu nos *assados* foi o pobre do Lars Hanson, que nunca supôs que uma sua compatriota fôsse capaz de lhe pregar na menina do olho como lha pregou.

Seguiram-se: *Entremets variés*, das quais se pode perfeitamente chamar *entretelas*, em virtude da tela de projecção; frutas do tempo, tais como pêçegos, nêspers, bananas, etc., que a assistência mal teve tempo de provar. De resto, tudo aquilo foi devorado... com os olhos, á falta de se poder papar como convinha. Nem pareciam *cinéfilos*; pareciam *carnívoros*!

O demónio foi uma gralha que apareceu nos primeiros programas: em vez de comporem Greta Garbo e Barbara Kent, os tipografos chamaram Barbara á Garbo e, á Greta, Kent! E, se calhar, é verdade.

Retardador

FUMESUNRIPE

Pelos modos, esta expressão que, até aqui, era apanagio dos frequentadores dos cine-piôhos e da geral do São Luis, vai dentro em breve ser proferida em circunstancias bem diferentes nos cinemas de primeira categoria. E isto dever-se ha á introdução do tão falado cinema falado, porque aneiam todos os exhibidores.

O cinema falado ou falante é um bicharoco filiado na ordem zoologica dos mamíferos, destinados a incomodar ruidosamente o proximo. Sucessivamente, foram criados — e diga-se de passagem, muito mal criados. — os papagalos, os despertadores, os gramofones, os aparelhos de telefonia sem fios, as declamadoras profissionais e o alto-falante do *Diario de Noticias*. Agora, veio o cinema falado, que, á falta de uma, apareceu logo sob variadas fórmãs. Ele é o movietona, o vitaphone, o pathéphone, o photophone, o kinegraphone e o diabo-que-os-carregue-a-todos-o-phone!

A maior vantagem do cinema era ser mudo como um peixe. Nada impedia ninguém de dormir no cinema uma soneca reconfortadora, refastelado num cadeirão de molas; ao som duma embaladora orquestra, mais eficaz do que a morfina. E até quando assim não fôsse, ha um certo numero de comodidades que o cinema falado vem subtrair inevitavelmente aos espectadores.

Nunca mais se pode deixar cair a bengala, lêr legendas em voz alta, discutir com o porteiro, refilar com a policia, tossir, cuspir, escarrar, assobiar, imitar as beijocas que se de-

ram na America e que vieram parar *fac simile* a Lisboa, ouvir o melodioso ressonar da nossa futura sogra, chamar, havendo sede, o «pá da agua», etc., etc., etc. — inumeras e incontestaveis desvantagens que o fonocinema vem introduzir.

E além destes inconvenientes de ordem fisica, ha outros, de ordem moral, que não são menos para temer. Voltarão os pouco saudosos efeitos do Chantecler, do Salão da Trindade e das *Asas* da Paramount. E a tradicional chalaça que serve de titulo a este profundo artigo de fundo, «Deixa ouvir a fita!...» passará a não ter piada nenhuma, pois passa a ter proposito e a vir a-proposito; e, afinal, só o que não tem proposito e não vem a-proposito tem graça...

O «Cala a boca, urso!» passará a ter um significado sofisticado, pois não se pode saber se a carapuça serve a um dos interpretes ou a qualquer cinéfilo mais loquaz.

Os aplausos e a pateada, como a sala está geralmente ás escuras, perdem a sua significação, pois passam por ruidos imitativos.

E o que dirão as *ófilas* e os *ófilos* ao saber que certo galã é gago, certa ingenua ciosa e certa mulher fatal *tate-bate?*

O silencio é de ouro; a palavra é de prata. O velho silogismo popular não mente. Mais vale estar calado do que dizer asneiras.

E afianço que, para mim, o cinema falado só seria bom — se eu fôsse capaz de o ouvir e de o falar.

Um Surdo-mudo



Ilusão de óptica: — Ele disse-me que eu tinha umas pernas como as da Joan Crawford!...
— O' filha! Quando a viu estava num camarote de lado, com certeza!

Lêr muito alto as legendas,
P'ra da voz mostrar as prendas,
Ou com outro qualquer fim,
Traz alguns inconvenientes,
Dos quais, o frio nos dentes
E' 'inda q menor p'ra mim.

No meu *fauteuil*, outro dia,
No momento em que eu mais qu'ris
A atenção concentrar,
Uma voz grave e pausada,
Apesar de já cansada,
'Inda estava a soletrar...

Corria «BEN-HUR»; passara,
Ha muito, essa scena clara
Em que «Iras» quer seduzi-lo...
Segue Cristo p'r'ó Calvario...
...E o burguês, no seu fadario,
Continua a lêr aquilo...

De repente, ele estremece,
Pois ousada lhe parece
A scena que vai passar...
Resa a legenda: «Jesus
«Padecce, levando a cruz,
«A má ira popular»...

E o burguês, que lêra *tras*,
Arde, como em sacras piras,
No fogo da indignação...

«Entregar Cristo á *gigricia!*...
«Vamos embora, Aparicia.
«Mas que «film» imoralão!...

Rovialbumello,

Amor Gilbertino

Uma penca sebenta, um narigão,
Uns olhos repolhudos, estoirados;
Largos gestos bastante desastrados
E *chauffage central* no coração.

Um nome que em inglês saiba a João;
Dentes num riso parvo, escancarados;
Grande sciencia em beijos prolongados
E em conquistar mulheres por «atracção».

Eis tudo o que uma máscula pessoa
Precisa ter p'ra conseguir amar
As meninas lamechas de Lisboa...

Se aquelas prendas tens, podes olhar,
Lector, qualquer pequena fina e boa,
Na certeza de sempre lhe agradar.

Callistófilo

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

Cear alegremente só no
Solar d'Alegria.

O Carnaval da Mariasinha

A Mariasinha andava muito triste, e devemos concordar que ela tinha razão.

A Mariasinha não seria uma destas belzas a que é moda chamar fotogenicas, mas possuía uma elegancia de atitudes, uma harmonia de curvas que, segundo o presidente do club dramatico do seu bairro — um quarantão muito bem entendido, não era nada para desprezar. Poderia ainda acrescentar-se que a Mariasinha não precisava de usar saias compridas, que os seus dentes não eram como o de muitas das suas amigas, que os ficavam a dever ao dentista, e que a frescura das suas faces não precisava do precioso auxilio dos muitos preparados que apareciam na quarta pagina dos jornais.

Fosse como fosse, o certo é que a Mariasinha via que muitas destas, todas as vezes que saíam á rua, traziam sempre, atrelados, pelo menos, uns quatro admiradores.

Nervosa, despetada, a Mariasinha exclamava:

— Atravessamos uma época muito exqu岸ita.

Como era de feitio alegre, depressa lhe passava a sua anxiedade triste e succedia muitas vezes dizer:

— Ora!... Ser tia tambem tem a sua graça...

* * *

— O' primo Raul...
— Diga, Mariasinha...
— O primo faz-me um grande favor? Emprestava-me as suas calças?
— O' prima... Que idela...
— Quero vestir-me de homem, agora pelo Carnaval...
— A prima tem cada uma...
E o idiota do primo Raul, em vez de se preparar para um esplendido namoro com a Mariasinha, arrumalhe com esta:

— Parece impossivel... Os homens são muito injustos... A prima, tão engraçada, tão viva... e não arranjar quem goste de si...
Mariasinha fingiu que não ouviu e só pensou nas brincadeiras do carnaval, quando chegasse o momento de vestir as calças do primo.

* * *

— Então, Mariasinha, divertiste-te muito?
— Muito, não imaginas.
— Fizeste um grande successo com o teu fato de homem. Porque não voltaste a aparecer com o fato do teu primo?
Então, a Mariasinha desabafou, cada vez mais triste:

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Então, Mariasinha, divertiste-te muito?
— Muito, não imaginas.
— Fizeste um grande successo com o teu fato de homem. Porque não voltaste a aparecer com o fato do teu primo?
Então, a Mariasinha desabafou, cada vez mais triste:

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

— Não posso aparecer na rua em traje de homem. Não imaginas o que me aconteceu. Que massaca...
— Mas o que se passou, minha filha... Conta.
— Não imaginas. Era uma bicha atraz de mim.
— Bicha de quê, filha?
— De homens, mulher! De homens!...

Uma aposta

Antonio Sanguessuga — caixeiro da casa Dias & Dias á Boa Vida, da travessa do Descanço — veio ao mundo num dia de Entrudo, para intrujar os «trouxas». Todavia, é inegavel que tem pilheria. Sem se rir e a proposito de tudo, tem sempre que dizer.

Mas, além disto, costuma burlar airosamente os circunstantes. Tudo por graça.

Um dia, quando estava numa letaria, conversando com uns amigos, propôs uma aposta.

— Aposto — disse ele — vinte escudos com cada um em como aqu'la menina (e dizendo isto indicou uma menina galante que estava á janella, no rez-do-chão do predio fronteiro) me paga a entrada no Olimpia.

Como lhes pareceu difficil, os quatro amigos apostaram em como ele não o conseguiria. O Sanguessuga comprometeu-se a, dentro de dois meses, cumprir o que prometera, deante dos amigos.

No dia immediato, apaixonadamente, fez uma declaração de amor á tal menina — Lucrecia de sua graça e Vénus de Milho, por alcunha.

O que é certo é que a Lucrecia — uma menina de dezasseis annos espigados e histericos, crente no amor á primeira vista, — deu-lhe atencão e declarou: — Já simpatizava consigo antes de o conhecer.

O Sanguessuga — isto dizia ele — ia todas as noites fazer um grande frete, isto é, falar com a rapariga.

A Lucrecia estava convencidissima de que o seu «Tóninho» lhe consagrava o mais casto amor. Passadas três semanas, avisou a namorada de que no dia 15 de Setembro, completava a bonita idade de vinte e três annos e que, cinéfilo como era, desejava, na sua companhia, assistir á exhibição do «film» de aventuras «A volta ao mundo em cuécas».

— E' claro — disse ele — que não vais só. Vai a mamã, as manas Pancracia e Oldegaria e o Joaquinzinho.

A mãe dela, que é uma senhora sempre pronta para aproveitar, compreendeu que o Sanguessuga era andarilho e aceitou.

No dia 15 foi saudado por todos e a namorada ofereceu-lhe um ramo de flôres murchas e um relógio de pulso.

A' noite, para evitar pagar o transporte daquela gentinha, foi esperá-la á porta do cinema.

Os amigos que tinham apostado, estavam tambem no mesmo local e, deste modo, podiam vêr quem pagaria os bilhetes.

A Lucrecia, seguida das manas, do mano e da mamã, appareceu, como estava combinado, ás 20 horas. Cumprimentos, felicitações, etc., e o Sanguessuga dirigiu-se á bilheteira e pediu seis balcões.

Enquanto a empregada preparava os bilhetes, ele, em todas as algibeiras, procurava a carteira. Depois, apertando o casaco, voltou-se para a namorada e disse:

— Paciencia. Fica para outro dia. E, voltando-se para a bilheteira:

— Desculpe, minha senhora, mas desisto. Esqueci-me da carteira.

A Lucrecia, puxando por uma nota de cem escudos.

— Não, isso não. Pague com esse dinheiro e amanhã faremos contas.

— Pois sim — respondeu o Sanguessuga, que em seguida comprou os bilhetes e entregou a demasia á Lucrecia.

Entraram, sentaram-se e viram...

Viram algumas colunas, visto que, por não haver lugares no balcão, se sujeitaram a ir para a plateia. Como os lugares que sobram são sempre os que servem para descansar e não para vêr os «films», viram apenas as colunas que suportam a galeria.

Acabada a exhibição, a Lucrecia e familia retiraram-se e o Sanguessuga, então, reuniu-se aos companheiros, reclamando o dinheiro que lhe pertencia.

Historiou a proesa e rematou assim:

— E' claro. Ela amanhã faz as contas, mas sózinha. Ficou cravada com os bilhetes e ainda me deu este relógio para poder vêr a que horas a crável.

Viterbo de Campos.

O incendio no Salão Foz e o trambolho do elevador da Gloria

(Reprodução da 1.ª pagina do "Sempre Fixe", de 17 de Novembro de 1927, que já condemnava o aleijão)



Num país onde tantas jolas architectonicas estão a cair aos bocados, ou transformadas em palheiros e arrecadações, um mostrengo se conserva firme, intangível, inatacavel e — mais dia menos dia — irremediavelmente tragico: o alpendre do elevador da Gloria. «Sempre Fixe» apela para a primeira trovada que pairar sobre Lisboa, suplicando-lhe a graça de brindar o aborto com um raio que o faça, ou antes, desfaça em mil lascas, antes de causar milhões de lagrimas.

CONSULTORIO da vida prática

ELSA. — Procura V. Ex.ª lindos figurinos? O curto *tailleur* não deve ficar mal. Para economia, aconselhamos uma adaptação do casaco de seu sobrinho que, como V. Ex.ª me diz, é um rapaz deveras elegante.

LOLINHA. — A limpeza de uma algibeira requer muita arte e muita experiencia. Ha quem use pôr-se doente. O processo que dá mais resultado é utilizar para essa operação uma algibeira velha. Tudo quanto tiver que desaparecer da algibeira nova (por exemplo, a gordura que acompanha algumas notas de cem escudos) desaparece completamente desde que se tenha o cuidado de fazer passar o dinheiro da algibeira róta.

Creia V. Ex.ª que, perder dinheiro, é sempre uma coisa elegante para um marido de bom gosto.

BABY. — Esse defeito que tanto a afflige cura-se facilmente colocando junto ao peito, dobrado em quatro partes, como um sinapismo, um ou dois certificados de casamento. Convém não abusar dos resultados.

PERCY. — Pede-nos V. Ex.ª para que lhe indiquemos a marca mais economica e pratica de ratoeiras para morganhos. Vamos indicar um método seguro de apanhar ratos, que tem ainda a vantagem de constituir um magnifico exercicio para aformosear os seios.

Arranja-se uma lanterna, um pau e um pedaço de toucinho cheirando a ranço, o que é facil de encontrar em qualquer mercearia. Ao bater da meia noite, os ratos costumam sair dos buracos para virem á cosinha, saber se efectivamente existem as unhas. E' o momento psicologico!

Quando os ratos veem avançando, V. Ex.ª levanta a chapa que encobre a luz e os ratos, vendo os ratos luminosos, fogem com a velocidade do raio. Nessa altura, deve fechar-se a luz. Os ratos, observando, com a sua proverbial esperteza, que já não ha luz, pensam: «Afim! parece que sempre ha bruxas... Ora vamos vêr como elas mordem». E toca de avançar para o toucinho. V. Ex.ª torna a fazer surgir a luz. Os ratos fogem. Apaga-se a luz. Os ratos voltam.

Repete esta operação umas poucas de vezes. Os ratos cansam e então é apanhá-los á unha. Convém, para melhor eficacia da operação, levar luvas, porque se os ratos veem o brilho das unhas, julgam que é luz e fogem.

MARICHU. — Podemos enviar, como amostra, um lindo modelo de açame, muito chic. Queira V. Ex.ª enviar as medidas do rôsto da senhora sua sogra.

LOLO, LILI, ZAZA. — Não podemos responder a V. Ex.ª, como desejavamos, porque a falta de espaço nos impede de responder com a necessaria clareza.



— Sabes o que é sabottage?
— E' assim como que uma especie de sabão para lavar as algibeiras dos patrões.

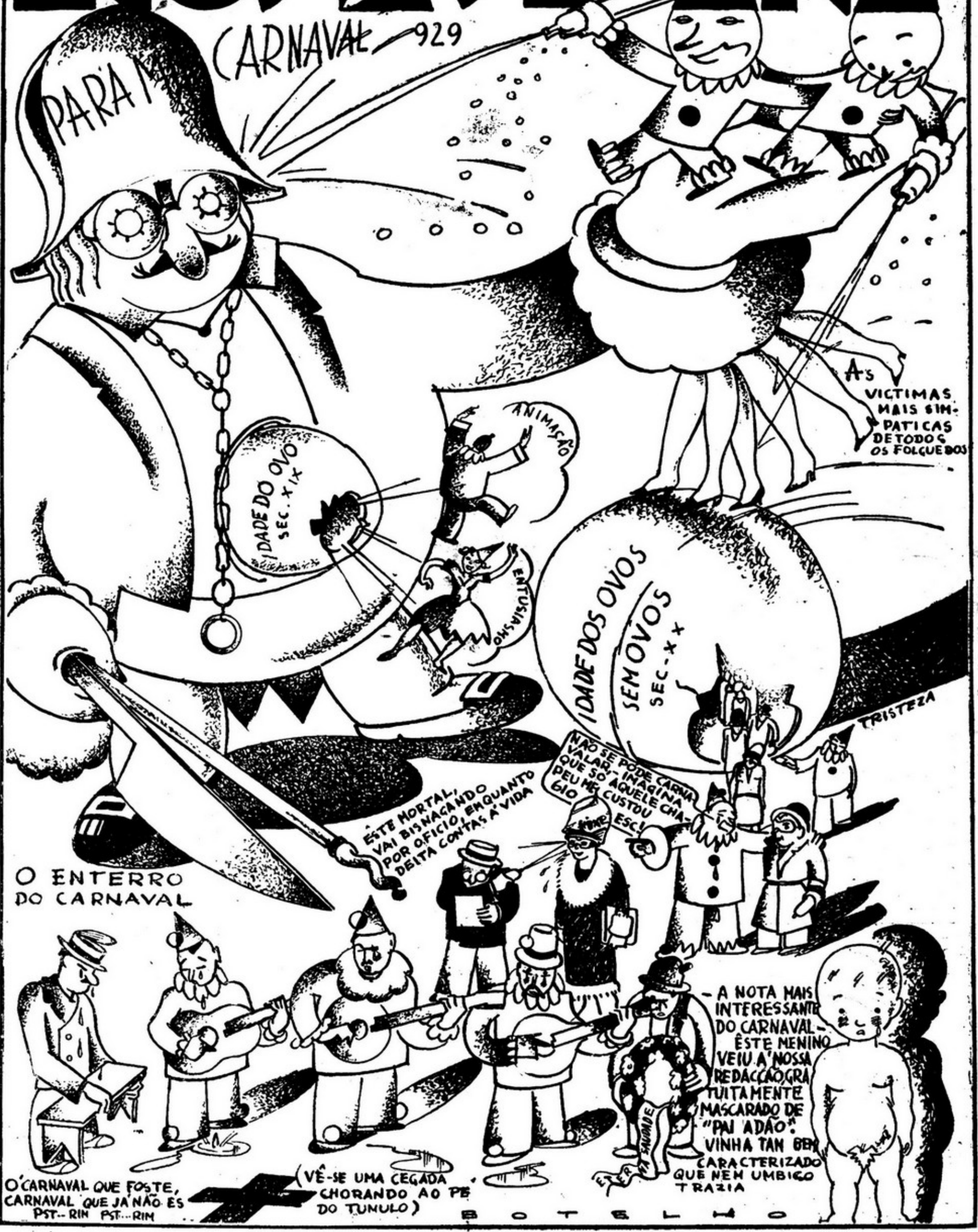
Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.



— Paré aí! Então você não vê que pode atropelar alguém?

SEMPRE FIXE

ECOS DA SEMANA



PARA

CARNAVAL 929

IDADE DO OVO
SEC. XIX

ANIMAÇÃO

ENTUSIASMO

As
VICTIMAS
MAIS SIM-
PATICAS
DE TODOS
OS FOLGUEBOS

IDADE DOS OVOS
SEM OVOS
SEC. XX

TRISTEZA

ESTE MORTAL
VAI BISNAGANDO
POR OFICIO ENQUANTO
DEITA CONTAS A VIDA

NÃO SE PODE CARNIVALAR - IMAGINA QUE SO AQUELE CHA-PEU ME CUSTOU 610 ESCU

O ENTERRO DO CARNAVAL

- A NOTA MAIS INTERESSANTE DO CARNAVAL - ÉSTE MENINO VEIU A NOSSA REDACÇÃO GRATUITAMENTE MASCARADO DE "PAI ADÃO". VINHA TAN BEM CARACTERIZADO QUE NEM UMBIGO TRAZIA

O CARNAVAL QUE FOSTE,
CARNAVAL QUE JA NÃO ES
PST--RIM PST--RIM

(VÊ-SE UMA CEGADA
CHORANDO AO PÉ
DO TUNULO)

B O T E L H O